

## CONCLUSÃO

No capítulo anterior retomamos os dados apresentados ao longo de nosso trabalho. Nossa intenção foi a de produzir uma história contínua que perpassa as terminologias: tradição Taquara para a arqueologia e índio Kaingang para a etnografia.

Na área demarcada para nosso trabalho temos o registro de dois grupos humanos que à primeira vista são distintos. A não ser pela localização geográfica e distribuição territorial similar, não possuem outros elementos que possam servir como suporte para estabelecermos uma continuidade entre a tradição Taquara e o índio Kaingang, pelo menos não de maneira explícita.

Algumas vezes o registro etnográfico é falho, como constatamos durante a execução desta empreitada. Estas falhas, sobretudo, nas descrições realizadas pelos primeiros cronistas e viajantes se devem a falta de formação específica por parte destes observadores. Na maioria dos casos, eram homens contratados para descrever o diferente, o exótico, encontrado no Novo Mundo, que aos poucos era ocupado por pessoas com hábitos e cultura que diferiam daquela registrada entre os vários grupos indígenas das diferentes tribos aqui residentes.

Um exemplo disto são os relatos do engenheiro belga Alphonse Mabilde, por nós utilizado como fonte primária de informação e para a posterior comparação entre os dados arqueológicos e os registros etnográficos. Recém formado em engenharia, Mabilde deixou a Bélgica por questões políticas no ano de 1833. Ao chegar no Brasil trabalhou em vários estabelecimentos exercendo

várias funções até começar a trabalhar como engenheiro contratado pelo governo da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

A curiosidade pelos habitantes dessa província e por seus hábitos, em especial a dos grupos indígenas, faz com que o engenheiro belga comece a observar e registrar, sempre que possível, os seus hábitos, especificamente os membros das tribos Kaingang, na época chamados de Coroados. Esses hábitos são registrados sob a forma de um diário pessoal e de correspondências que foram enviadas a membros do governo, a quem tinha que prestar conta de seus serviços. Posteriormente foram compilados e publicados por suas netas, no ano de 1983.

Mabilde registrou aquilo que chamou mais a sua atenção e com o que ele estava mais familiarizado. No primeiro caso, sua atenção recaiu sobre o modo de vida dos Kaingang, que diferia e muito dos seus. No segundo, sua formação de engenheiro fez com que descrevesse com exatidão as dimensões das habitações feitas pelos membros dessas tribos. Essas descrições concentram-se nas medidas e na maneira de fazê-las. Contudo, alguns itens ou não foram percebidos ou talvez Mabilde não tenha realizado uma observação tão completa assim. Temos um relato feito por um estrangeiro sem formação no campo da etnografia e carregado dos preconceitos da época para com os grupos humanos nativos deste continente, que eram tidos como primitivos, devido a sua cultura material, e selvagens, por causa de sua organização social.

As informações registradas no seu trabalho e em pesquisas posteriores produziram muitas informações sobre as culturas indígenas. Os primeiros trabalhos descreviam os contrastes entre brancos e índios.

Com o passar do tempo, os estudos etnográficos começaram a apresentar bem mais do que simples descrições sobre os hábitos indígenas. Com o avanço dos estudos antropológicos e do desenvolver das pesquisas etnográficas, novas contribuições a respeito da cultura indígena foram feitas. Até mesmo a falsa atribuição de que os índios seriam um único grupo hoje não é mais aceita.

O que temos, não é um único grupo, mas sim, muitas culturas que representam os diversos povos indígenas ainda existentes.

Em nosso estudo, trabalhamos de maneira sistemática os dados produzidos pela arqueologia e os itens referentes aos registros etnográficos. Primeiramente em capítulos separados e posteriormente procuramos relacionar os elementos comuns a ambos campos, bem como apontar as divergências encontradas.

A maior dificuldade por nós enfrentada foi a de aproximar as informações produzidas pela arqueologia das descrições feitas pela etnografia, causando em algumas ocasiões dúvidas a respeito dos dados por nós utilizados e sobre os métodos adotados para realizar tal tarefa. É perceptível que existem dois registros distintos para um suposto mesmo grupo, tratado com óticas e interpretações diferentes por linhas de pesquisa que trilharam caminhos diferentes no decorrer dos anos.

As comparações feitas visam unir essas duas áreas, pois, como vimos, encontramos elementos similares nas duas linhas de pesquisas. Mas como explicar as diferenças?

Essas diferenças são poucas, mas marcantes. Entre elas, temos a forma de construir as habitações que conforme os registros arqueológicos eram estruturas escavadas no solo com formato circular de vários tamanhos e profundidades, com uma cobertura aérea. Recentemente esse tipo de vestígio arqueológico voltou a ser objeto de discussão entre os pesquisadores que se dedicam a essa temática. Já os registros etnográficos descrevem que as habitações seriam feitas sobre o solo e possuíam um formato retangular. Somente Gabriel Soares de Souza, no Século XVI, aponta que existiam estruturas escavadas no solo feitas pelos Kaingang, que neste período eram chamados de Guaianeses.

O tamanho das aldeias dos respectivos grupos Taquara e Kaingang, também apresenta algumas diferenças. Os primeiros construíam duas “casas subterrâneas” a cada ocupação. Posteriormente, alguma dessas estruturas era reocupada e novas eram erguidas próximo das que

eram abandonadas. Os segundos construíam quatro ou cinco habitações destinadas a todos os membros da tribo. Com o passar do tempo a morada antiga era abandonada e outra nova era feita.

Outra diferença está na forma de enterrar os mortos. A tradição Taquara depositava seus mortos em abrigos sob rocha. Mais recentemente começou a ser constatado que em áreas onde estes abrigos são poucos ou não existem, as sepulturas resumem-se a aterros circulares com evidências de que os corpos eram cremados. O índio Kaingang realiza somente o segundo tipo de enterro, sendo que não se vale da cremação.

Estes três exemplos servem para demonstrar a dificuldade em estabelecer um vínculo comum entre estes grupos. Devemos nos lembrar de que com o passar dos anos, os padrões culturais não só dos habitantes das terras altas da região sul, mas na história da humanidade como um todo, sofreram alterações. Isto se deve à soma de variados fatores. Alguns são inerentes à própria cultura que, com o passar do tempo, se auto-recicla, mudando padrões arraigados já desde gerações; outros devido a influências externas oriundas de outros grupos humanos.

Acreditamos que entre a tradição Taquara e o índio Kaingang apenas temos uma diferença na nomeação por parte de arqueólogos e etnógrafos, pois estamos tratando com o mesmo grupo humano que teve sua difusão pelo Planalto Meridional, adaptando-se a ele e criando todo um sistema cultural que lhe serviu ao longo de sua expansão e fixação nas áreas pertencentes à região sul do atual Estado Nacional.

Temos também que considerar que pelo fato de começar a entrar em contato, ainda que de forma esporádica com o homem branco, que estaria iniciando a ocupação do território indígena, algumas expressões de sua cultura começam a mudar.

No decorrer da pesquisa, percebemos que os traços culturais dessas populações ainda se mantêm, mas sob outras formas. Se os Kaingang não mais constróem estruturas subterrâneas é porque aprenderam a fazer suas habitações de outras maneiras e com outros formatos, utilizando igualmente outras ferramentas.

Os motivos para que isto tenha acontecido, podem estar ligados a vários fatores como: a diminuição do território devido à penetração nas áreas nativas pelo homem branco, com a implantação de novos núcleos populacionais e exploração do antigo território indígena através da derrubada da mata, para a abertura de estradas, o plantio em larga escala e pastoreio, fazendo com que aos poucos os remanescentes nativos sejam levados a outras áreas e lá adotem os costumes do homem branco, entre eles a construção de casas de madeira com formato retangular, o uso de roupa e muitos outros aspectos verificados nos estudos etnográficos já produzidos e que alteraram os elementos de cultura.

As ‘casas subterrâneas’, utilizadas pelos membros da tradição Taquara, apresentam indícios de possuírem um formato circular para algumas; para outras a depressão circular verificada corresponde a área do fogão, destinado ao preparo dos alimentos e para servir como fonte de calor para o aquecimento da estrutura.

Nossa interpretação para tal variabilidade repousa no fato de que existiam duas formas de serem construídas as habitações. A forma circular seria destinada para as estruturas de maiores diâmetros e profundidades, resultado da remoção de terra do interior destas. Algumas vezes temos o nivelamento de uma das bordas destas estruturas com a terra que foi retirada durante a sua construção, formando assim a circunferência registrada nas pesquisas arqueológicas. Com relação a cobertura aérea, ou telhado destas ‘casas’, ainda não se encontrou consenso entre os especialistas. Já as depressões menores deviam possuir uma cobertura condizente com as paredes de tais estruturas. Estas poderiam ser similares às habitações descritas pela etnografia. Fazemos tal relação pois no entorno destas depressões é verificado um aplanamento do terreno que possibilitava uma ocupação mais cômoda por parte de seus construtores, sendo a circunferência registrada o espaço destinado ao fogão no qual eram cozidos os alimentos e também destinado ao aquecimento interno da estrutura.

Podemos ainda pensar que ao formato de tais estruturas, estaria ligada a permanência do grupo em um local durante um período de tempo que poderia ser variado. Nos casos em que houvesse uma permanência mais duradoura, as "casas subterrâneas" seriam circulares e escavadas no solo. Ao passo que em períodos menos estáveis de ocupação, as "casas" poderiam ser correspondentes ao outro formato proposto, pois teriam uma duração mais efêmera que as primeiras, necessitando assim por parte de seus construtores menos esforço para fazê-las.

Ainda podemos levantar a hipótese de que as depressões de maior tamanho escavadas no solo, desempenhassem a função de serem aldeias centrais, nas quais sempre haveria uma parte do grupo residindo permanentemente, e para as quais sempre retornariam os demais membros da tribo que devido à própria dinâmica interna destas populações estariam se deslocando pelo território pertencente a esta tribo, em diferentes épocas do ano em busca de alimentos e para a manutenção territorial dos seus domínios.

No município de Vacaria, RS, temos datas que comprovam que "casas subterrâneas" foram reocupadas no decorrer do século XIX. Uma delas é escavada no solo e tem a forma circular, a outra apresenta uma pequena depressão utilizada como fogão e ao seu redor uma área aplanada na qual foram encontrados vestígios de atividades variadas. Ambas estão localizadas no mesmo sítio arqueológico e encontram-se separadas por pouca distância. O mesmo século XIX é demarcado como sendo o último em que encontramos grupos indígenas nativos ainda ocupando parte de suas áreas originais e é neste período que temos os registros de Malbide. Algumas vezes estes registros fazem menção ao referido município.

Para nós através destes exemplos que se repetem em outros sítios arqueológicos, fica claro que os membros da tradição Taquara possuíam duas formas de fazerem suas habitações. Um primeiro tipo seriam as "casas subterrâneas" circulares escavadas no solo, com grandes dimensões, habitadas mais permanentemente. O segundo tipo seria representado pelas pequenas depressões com uma área de ocupação maior no seu entorno, com duração temporária.

As informações etnográficas registram, como dissemos anteriormente, somente um modelo similar ao segundo tipo mencionado acima de habitação superficial com pequena depressão central conforme o registro feito por Simiema (2000), este, com dimensões variadas para comportar os membros do grupo. Esta transformação ou adaptação pode estar ligada à redução do espaço territorial original, que antes era dominado por poucas famílias divididas em pequenos grupos, permitindo uma circulação interna mais livre e que agora passa a ser dividido com membros de outros grupos e com o homem branco. A pressão resultante desta dinâmica acarreta conflitos intra e inter-tribais bem como confrontos com os colonos que começam a se instalar em seus territórios.

A diferença no tamanho das aldeias dos dois grupos pode estar relacionada com o número de membros residentes nelas e com sua circulação no território. Observando a disposição nos sítios arqueológicos das “casas subterrâneas” e como apontado acima de que a ocupação se dava por períodos, sendo uns mais estáveis que outros, podemos compreender esta diferença. As datações obtidas pela arqueologia ainda são poucas e elas fornecem apenas alguns exemplos que atestam que houve uma reocupação em alguns dos sítios pesquisados, como os citados neste trabalho. Mais pesquisas ainda devem ser feitas e com elas mais datações poderão ser obtidas. Com isto, talvez a idéia proposta no presente momento tenha que ser reformulada aproximando de maneira mais concreta as lacunas registradas neste item. Os dados de que dispomos apontam que os membros da tradição Taquara circulariam sazonalmente pelo seu território, os vários sítios arqueológicos registrados seriam o testemunho desta sazonalidade.

Este tipo de atividade também é registrada na etnografia. Os Kaingang possuíam uma aldeia central permanentemente ocupada por algumas famílias. Para estas, o restante dos membros daquele grupo sempre retornava em épocas específicas. A sazonalidade é descrita nos relatos a respeito dos Kaingang como sendo um de seus principais marcadores culturais. Era uma estratégia de manutenção do território e estava diretamente ligada ao sistema cultural desta etnia.

Com relação aos sepultamentos, aqui também encontramos algumas diferenças na forma de proceder para com os mortos. A pesquisa arqueológica registra que os mortos eram depositados em grutas. Recentemente, foram encontrados indícios de que também seriam feitas sepulturas sob a forma de aterro em áreas onde não são encontradas as referidas grutas, ou estas são pouco numerosas. No município de Caxias do Sul, RS, palco das primeiras pesquisas, foram registrados junto das "casas subterrâneas" muitos aterros circulares ou de formato elíptico chamados de montículos. A interpretação dos responsáveis por esta pesquisa devido ao indícios encontrados, foi a de se tratar de túmulos, apesar de o relevo desta região proporcionar a formação de grutas. Como vemos, são registradas duas formas de procedimento dispensado para os mortos do grupo.

Os relatos etnográficos registram que entre os Kaingang o habitual era sepultar os corpos de seus mortos em covas rasas e sobre estas era colocado um grande volume de terra, formando um montículo, semelhante ao registrado pelas pesquisas arqueológicas. O Pe. Montoya registra, conforme vimos anteriormente, que entre os Gualachos, outra sinonímia para os Kaingang, o hábito era o de cremar os ossos do falecido depois de secos e, sepultá-los construindo um aterro em cima após um elaborado ritual.

Após o aldeamento dos Kaingang, os mesmos passam a sepultar seus mortos a maneira que fazem os brancos. Mais uma vez a cultura é adaptada conforme o ambiente no qual seus portadores estão inseridos.

Percebemos com certa dificuldade, através destes exemplos, que as similaridades entre a tradição Taquara e o índio Kaingang existem. A forma das habitações, organização das aldeias e a deposição dos mortos com o passar do tempo sofreram alterações, que as tornaram à primeira vista diferentes. São elementos pertencentes a tempos e circunstâncias diferentes, mas que em essência continuam representando culturalmente o mesmo grupo, respondendo às necessidades de seus membros.



Baseados nestas informações, percebemos que ao longo do tempo, antes do contato com o branco, os grupos indígenas que habitavam o Planalto Meridional possuíam todo um sistema cultural próprio que não seria nem uniforme, nem imutável, que foi sofrendo modificações pela dinâmica interna e pelos intercâmbios com outros grupos, mais marcadamente com a sociedade nacional, através de sua incorporação, nos moldes do Estado brasileiro. Assim poderíamos relacionar os outros elementos culturais destas populações, que sempre tiveram uma cultura própria e que como podemos verificar, é dinâmica até os dias atuais, como se percebe entre seus remanescentes.

Os índios Kaingang hoje aldeados não produzem mais potes de cerâmica, pois adotaram as panelas de alumínio do homem branco, obtidas em diversas ocasiões. Contudo, em certos elementos ligados à pintura corporal e na decoração do seu artesanato, ainda podemos identificar as mesmas marcas encontradas em vestígios de cerâmica pertencentes a tradição Taquara, ou nos grafismos rupestres registrados nos abrigos sob rocha supostamente ligados a estes grupos. Estes indícios denotam que, apesar de não produzir mais a cerâmica característica do passado, os traços estéticos ainda permanecem, utilizados agora, em outros elementos de sua cultura.

A mudança dos instrumentos feitos em pedra, osso e madeira, que ao longo de séculos eram as únicas matérias-primas disponíveis no seu ambiente, por objetos feitos em ferro trazidos pelo homem branco, também é outro elemento que teria sofrido alteração.

Antes não usavam roupas, exceto algumas peças feitas com fibras vegetais; a registrada com mais frequência era da urtiga brava. Durante o período de contato e no pós-contato, estes grupos adotaram os modelos das roupas trazidas pelos colonizadores.

Ainda é necessário um maior volume de pesquisas, para que as hipóteses levantadas até o momento tenham um maior embasamento, ou para que se verifique se as mesmas se equivocaram durante a realização das analogias feitas. É igualmente necessária uma maior aproximação entre os processos investigativos utilizados pela arqueologia com as técnicas de pesquisas referentes aos

estudos etnográficos. Os novos estudos etnoarqueológicos caminham nesta direção. Talvez as novas pesquisas apresentem uma forma mais consistente de unificar estes dois campos.

O presente trabalho talvez não tenha avançado muito na resolução dos problemas encontrados, mas a compilação dos dados aqui apresentados pode contribuir com outras pesquisas que venham a ser desenvolvidas. Nossa intenção como foi apontado anteriormente, era a de produzir uma história contínua, mas como podemos constatar, as informações registradas pelas pesquisas arqueológicas e os dados dos relatos etnográficos em certos tópicos ainda necessitam de mais reflexão e de subsídios mais pontuais que possibilitem uma maior aproximação entre estas duas abordagens.

As soluções aqui apontadas para explicar as diferenças encontradas entre os registros da tradição Taquara e os dados referentes ao índio Kaingang, podem ser tomadas como proposta para outras pesquisas que venham a completar ou suplantar o presente trabalho.

Voltamos a expor aqui que estas afirmações são fáceis de fazer, mas como são difíceis de provar!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Marisa Coutinho & MORAIS, José Luís. Estudo de uma "casa subterrânea" na bacia do rio Ribeira de Iguape, São Paulo. In: **Pesquisas: Antropologia** n.58, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2002. p.157-163.

ARAUJO, Astolfo Gomes de Mello. **Teoria e Método em arqueologia regional**: um estudo de caso no Alto Paranapanema, Estado de São Paulo. São Paulo: USP. v.1 e 2, 2001. Tese (Doutorado em Arqueologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001.

BALDUS, Herbert. **Bibliografia crítica da etnologia Brasileira**. v.2, Hannover: Kommissionserlag Münstermann- Druck GMBH, 1968.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyni. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p.185-227.

BARRETO, Cristiana. A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia no Brasil. In: Dossiê antes de Cabral: arqueologia brasileira-1. **Revista da USP**. São Paulo: Universidade de São Paulo, n.44, 1999-2000. p.32-51.

BASILE BECKER, Ítala Irene. Dados sobre o abastecimento entre os índios Kaingang do Rio Grande do Sul conforme bibliografia dos séculos XVI a XX. In: **Estudos sobre o abastecimento indígena**. São Leopoldo: Publicações Avulsas n.2 do Instituto Anchietao de Pesquisas, 1975. p. 39-59.

----- . O índio Kaingang e a colonização alemã no Rio Grande do Sul. **Anais do 2º Simpósio de História da Colonização Alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Rotermund, 1976. p. 45-71.

----- . O índio Kaingáng do Rio Grande do Sul e a exploração dos recursos naturais. Taquara: **Boletim do Marsul**, 3, 1985. p. 77-85.

----- . O Kaingang histórico e seus antepassados. In: Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. **Documentos 02**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1988. p. 130-140.

----- . Alimentação dos índios Kaingang no Rio Grande do Sul. **Revista de Arqueologia**, 6, São Paulo: 1991 (a). p.107-119.

----- . O que sobrou dos índios pré-históricos do Rio Grande do Sul. In: KERN, Arno Alvarez (Org.) **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991 (b). p.331-356.

----- . **O índio Kaingáng do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Ed Unisinos, 1995.

BASILE BECKER, Ítala Irene & LAROQUE, Luís Fernando da Silva. **O índio Kaingang no Paraná: subsídios para uma Etnohistória**. São Leopoldo: ed. Unisinos, 1999.

BRACK, P. O gênero *Urera* (Urticaceae) no Rio Grande do Sul, Brasil. In: NAPEA: **Revista de Botânica**. Porto Alegre: n.1, CEUE/UFRGS, 1987. p.1-11.

BELTON, Wiliam. **Aves do Rio Grande do Sul: distribuição e biologia**. São Leopoldo: ed. Unisinos, 1994.

BORBA, Telemaco Monocines. **Actualidade Indígena**. Coritiba: Typ e Lytog. A vapor Impressora Paranaense, 1908.

CHMIZ, Igor. Prospecções arqueológicas no vale do rio das Antas, Rio Grande do Sul (Brasil). **Acta Praehistorica**. Buenos Aires: 5/7, [1961/1963], 1965. p.35-52.

COIMBRA, Aldemar Filho & RIZZINI, Carlos Toledo. **Ecossistemas Brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Index, 1988.

COPÉ, Silvia M. & SALDANHA, João Darcy de Moura: Em busca de um sistema de assentamento para o planalto Sul riograndense: escavações no sítio RS-AN-03, Bom Jesus, RS. In: **Pesquisas: Antropologia** n.58, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2002. p.107-120.

COPÉ, Silvia M.; SALDANHA, João Darcy de Moura & CABRAL, Mariana Petry. Contribuições para a pré-história do planalto: estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. In: **Pesquisas: Antropologia** n.58, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2002. p.121-138.

DAVID, Nicholas & KRAMER, Carol. Teorizando a Etnoarqueologia e a analogia. **Revista Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre: UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Ano 8, nº18, 2002. p. 13-60.

D' ANGELIS, Wilmar da Rocha. Viry e a revolta de Vaiton - Palmas 1843. Luta Indígena. Xanxerê. **CIMI - Regional sul**, n.º19, jun. 1983. p. 2-12.

EVANS, Clifford. Introdução. In. SIMÕES, Mário F. (editor) Programa Nacional de Pesquisas arqueológicas - Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, **Publicações Avulsas** nº 6, 1967. p.7-14.

FORD, James A. **Método cuantitativo para establecer cronologías culturales**. Washington, D.C.: Union Panamericana, 1962.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GOLDMEIER, Valter Augusto (Org). **Sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul**: fichas de registro existentes no Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1983.

HARTMANN, Thekla. **Bibliografia crítica da etnologia Brasileira**. v.3, Berlin: Dietrich Reinmer Verlag, 1984.

HENSEL, Reinaldo. Os Coroados da Província brasileira do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: **Revista do Museu e Arquivo Público do Rio Grande do Sul**. n.º20, jun. 1928. p. 65-79.

HERMANN, Maria Lúcia & ROSA, Rogério de Oliveira. Relevô. In: **Geografia do Brasil**, v. 2-Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p.57.

HORTA BARBOZA, Luiz Bueno. **A pacificação dos Caingangs paulistas**: hábitos, costumes e instituições desses índios. Rio de Janeiro: s.e., 1913.

IBGE. **Folha SH.22 Porto Alegre e parte das Folhas SH.21 Uruguaiana e SI.22 Lagoa Mirim**: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação, uso potencial da terra. Rio de Janeiro: Fundação Instituto de Geografia e Estatística; Levantamentos de recursos naturais, v.33, 1986.

JUNQUEIRA, Carmen & CARVALHO, Edgard de Assis. **Antropologia e indigenismo na América Latina**. São Paulo: Cortez Editora, 1981.

KERN, Arno A. Interação cultura e meio ambiente em sítios de habitação subterrâneas no Planalto sul-rio-grandense (Município de Vacaria, RS). **Boletim do MARSUL**, 3. Taquara: 1985. p.30-33.

KERN, Arno A.; SOUZA, José Otávio de & SEFFNER, Fernando. Arqueologia de Salvamento e a Ocupação Pré-histórica do Vale do Rio Pelotas (municípios de Bom Jesus e Vacaria, RS). 1ª Parte. Porto Alegre: **Veritas**, n.º35, 1989 (a). p. 99-127.

----- . Arqueologia de Salvamento e a Ocupação Pré-histórica do Vale do Rio Pelotas. 2ª Parte. Porto Alegre: **Veritas**, n.º34, 1989. p. 277-300.

KREVER, Maria Luisa B. & HAUBERT, Fabiana. Estudos dos remanescentes humanos do Planalto Sul-Rio-Grandense: Projeto Vacaria. **Trabalhos apresentados na XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2001. p.29-39.

LAROQUE, Luís Fernando da Silva. **Lideranças Kaingang no Brasil meridional (1808-1889)**: uma história que também merece ser contada. São Leopoldo: UNISINOS, 2000. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Vale do Rio dos Sinos-Unisinos, 2000.

LA SÁLVIA, Fernando. A habitação subterrânea: uma adaptação ecológica. In: WEIMER, Nelson Souza Günter (Org.). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. p. 7-26.

LA SÁLVIA, Fernando; SCHMITZ, Pedro Ignácio & BASILE BECKER, Ítala Irene. Cerâmica Caingáng-Fase Vacaria. In: **Estudos de Pré-História geral e brasileira**. São Paulo: Instituto de Pré-História, USP, 1970. p.493-497.

LAZZAROTTO, Danilo, et al. Pesquisas arqueológicas no Planalto, São Paulo. **O Homem antigo na América**. São Paulo: Instituto de Pré-História, Universidade de São Paulo, 1971. p.79-89.

LEITE, Pedro F. & KLEIN, Roberto M. Vegetação. In: **Geografia do Brasil**, v. 2 - Região Sul. Rio de Janeiro: IBGE, 1990. p.117.

LEGRAND, C. Diego & KLEIN, Roberto M. Mirtáceas. In: REITZ, Raulino (Org.). **Flora ilustrada catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1967.

------. Mirtáceas. In: REITZ, Raulino (Org.). **Flora ilustrada catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1969.

------. Mirtáceas. In: REITZ, Raulino (Org.). **Flora ilustrada catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1977 (a).

------. Mirtáceas. In: REITZ, Raulino (Org.). **Flora ilustrada catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1977 (a).

LOZANO, Pedro. **História de la Conquista del Paraguay, Río de La Plata y Tucumám**. Buenos Aires: Biblioteca del Río de La Plata, Andres Lamas ed. [5 volumes]. 1973-1874.

MABILDE, Pierre F. A. B. **Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados das matas da Província do Rio Grande do Sul**: 1836-1866. São Paulo: IBRASA, Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

------. O índio Kaingáng do Rio Grande do Sul no final do século XIX. In: Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil. **Documentos 02**. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1988. p.141-172.

MARTÍNEZ, Victor M. Fernandez. **Teoría y método de la arqueología**. Madrid: Editorial Síntesis, s.a., 1994. p.123-186.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto. Os abrigos sob-rocha do Virador, no Estado do Rio Grande do Sul (nota prévia). Santa Cruz do Sul: **Revista do CEPA**, n.º2, 1975. p.1-25.

------. Casas subterrâneas no Planalto Meridional, município de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. Santa Cruz do Sul: **Revista do CEPA**, n.º9, 1980. p.2-52.

------. A tradição Taquara e as casas subterrâneas no sul do Brasil. **Revista de Arqueologia Americana**. México: Instituto Panamericano de Geografia e Historia, n.17, 18 y 19, julio 1999-diciembre 2000. p.9-49.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto & SILVEIRA, Ítela. Sítios arqueológicos da tradição Taquara, fase Erveiras, no vale do rio Pardo, RS, Brasil. (nota prévia). Santa Cruz do Sul: **Revista do CEPA**, n.8, 1979. p.3-59.

MENTZ RIBEIRO, P. A. & RIBEIRO, C. T. Levantamentos Arqueológicos no município de Esmeralda, Rio Grande do Sul, Brasil. Santa Cruz do Sul: **Revista do CEPA**, v.12, 1985. p.49-122.

MENTZ RIBEIRO, Pedro Augusto, et al. Escavações arqueológicas no município de Bom Jesus, RS. São Paulo: **Revista de arqueologia**, Anais da VII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira. 8 (1), 1994. p.221-236.

MILLER, Eurico T. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste, Rio Grande do Sul. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. **Publicações Avulsas** n.6, 1967. p.15-38.

------. Pesquisas arqueológicas efetuadas no noroeste do Rio Grande do Sul (alto Uruguai). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. **Publicações Avulsas** n10, 1969. p.33-54.

------. Pesquisas arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul. (rios Uruguai, Pelotas e das Antas). Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. **Publicações Avulsas** n.15, 1971. p.37-70.

MONTOYA, Antonio Ruiz. Carta Ânua do Padre Antonio Ruiz, Superior da Missão do Guairá, Dirigida em 1628 ao Padre Nicolau Duran, Provincial da Companhia de Jseus. In: CORTESÃO, Jaime (Org.). **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1594-1640)**. Rio de Janeiro: v. I, Biblioteca Nacional, 1951. p.259-298.

MOTA, Lúcio Tadeu. Os índios Kaingang e seus territórios nos campos do Brasil meridional na metade do século XIX. In: MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva & TOMMASINO, Kimiye (Org.) **Uri e Wãxi–Estudos Interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: ed. UEL, 2000. p.81-189.

MOREIRA, Amélia Alba Nogueira & LIMA, Gelson Rangel. Relevo. In: FBGE. Diretoria Técnica. **Geografia do Brasil**. Rio de Janeiro: SERGRAF – IBGE, 1977. p. 1-34.

NOELLI, Francisco Silva (Org.). **Bibliografia Kaingang**: Referências sobre um Povo Jê no Sul do Brasil. Londrina: ed. UEL, 1998.

POLITIS, Gustavo G. A Cerca de la Etnoarqueología en América del Sur. Porto Alegre: **Revista Horizontes Antropológicos**, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Ano 8, n18, 2002. p.59-79.

PREZIA, Benedito Antonio Genofre. O colaboracionismo Kaingang dos conflitos intertribais à integração à Sociedade Brasileira no século 19. In: LEITE, Arlindo Gilberto de O (Org.). **Kaingang: confronto cultural e identidade étnica**. São Paulo: UNIMEP, 1994. p.37-58.

PROUS-POIRIER, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

RAMBO, Pe. Balduino SJ. Os índios rio-grandenses modernos. **Província de São Pedro**. Porto Alegre: n.10, 1947. p.81-88.

REIS, Maria José. **A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no Planalto Catarinense**. São Paulo: USP, 1980. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1980

REITZ, P. Raulino (Org.) & KLEIN, Roberto M. Araucariáceas. In: **Flora ilustrada catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1966.

------. Bromeliáceas. In: **Flora ilustrada catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1983.

RENFREW, Colin & BAHN, Paul. **Arqueología: teorías, métodos y práctica**. Madrid: Ediciones Akal, S.A., 1993. p. 107-156.

ROBRAHN, Érika Marion. **A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os grupos ceramistas do médio curso**. São Paulo: USP, 1989. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1989.

ROGGE, Jairo Henrique, et al. Assentamentos Pré-Coloniais no Litoral Central do Rio Grande do Sul: Projeto Quintão. **Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. Rio de Janeiro: SAB, 1997. [CD-ROM].

ROSA, André Osorio. **Relatório de Campo**. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1998. [Datiloscrito].

SAHLINS, Marshall D. **Sociedades tribais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1970.

------. **Economia de la edad de la piedra**. Toledo, España: Colección manifesto. Akal, 1977.

------. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

------. O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica: Porque a cultura não é um "objeto" em via de extinção. In: **Revista MANA**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social-Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v.3, n.1, 1997, p.41-73.

SCHADEN, Francisco. Resenha de bibliografia. In: LAYTANO, Dante de (Org.). Populações Indígenas - Estudo histórico de suas condições atuais no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: **Revista do Museu Júlio de Castilhos e Arquivo histórico do Estado do Rio Grande do Sul**. Ano 5, n.6, 1956. p.236-246.

SCENTIA AMBIENTAL S/C LTDA, NÚCLEO DE PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS/UFGRS & ITACONSULT CONSULTORIA E PROJETO EM ARQUEOLOGIA LTDA. **Projeto de levantamento arqueológico na área de inundação e salvamento arqueológico no canteiro de obras da UHE Barra Grande, SC/RS**. Relatório final 1: resultados dos trabalhos de campo. Florianópolis, 2002. [CD-ROM].



SCHMITZ, Pedro Ignácio. Paradeiros guaranis em Osório (Rio Grande do Sul). **Pesquisas**, 2. Porto Alegre: 1958. p.113-145.

------. Algumas datas de carbono 14 de casas subterrâneas no planalto do Rio Grande do Sul. **Pesquisas: Antropologia** n.20. São Leopoldo: p.163-167.

------. As tradições ceramistas do planalto sul-brasileiro. In: Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, **Documentos 02**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1988. p.75-130.

------. **Relatório de campo**, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2000. [Datiloscrito].

------. **Relatório de campo**, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2002. [Datiloscrito].

------. **Relatório de campo**, São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2003. [Datiloscrito].

------. (Ed) Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, **Documentos 05**. Instituto Anchietao de Pesquisas, São Leopoldo, 1991.

SCHMITZ, Pedro Ignácio & BROCHADO, José Proenza. **Datos para una secuencia cultural del Estado de Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Gabinete de Arqueologia, 2. UFRGS, 1972.

SCHMITZ, Pedro Ignácio & BASILE BECKER, Ítala Irene. Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas: a Tradição Taquara. In: Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil, **Documentos 05**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1991. p.67-105.

SCHMITZ, Pedro Ignácio, et al.. Pesquisas sobre a tradição Taquara no nordeste do Rio Grande do Sul. In: Arqueologia do Rio Grande do Sul, **Documentos 02**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 1988. p.5-74.

SCHMITZ, Pedro Ignácio, et al.. O projeto Vacaria: casas subterrâneas no Planalto rio-grandense. In: **Pesquisas: Antropologia** n.58. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2002. p.11-105.

SCHMITZ, Pedro Ignácio et al. Casas subterrâneas no planalto meridional: a origem dos índios Kaingang? **Trabalhos apresentados na XI Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. São Leopoldo: Instituto Anchietao de Pesquisas, 2001. p.22-28.

SEEGER, Anthony & CASTRO, Eduardo B. Viveiros de. Terras e Territórios Indígenas no Brasil. In: **Encontros com a civilização brasileira** 12. Rio de Janeiro: 1979. p.101-111.

SERRANO, Antonio. **Etnografia de la Antigua Provincia del Uruguay**. Paraná: Melchior, 1936.

SICK, Helmut. **Ornitologia brasileira, uma introdução**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, v.1 e 2, 1985.

SILVA, Sérgio Baptista da. **Etnoarqueologia dos grafismos Kaingang**: um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê Meridionais. São Paulo, USP, 2001. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Sociais, Universidade de São Paulo, 2001.

SILVA, Flávio. **Mamíferos silvestres do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. 1984.

SIMIEMA, Janir. Em que abrigos se alojarão eles? In: MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva & TOMMASINO, Kimiye (Org.). **Uri e Wãxi–Estudos Interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: ed. UEL, 2000. p.227-260.

SIMONIAN, Lígia Terezinha Lopes (Org.). Arquivo Kaingág/Guarani e Xetá. **Cadernos do Museu**. Ijuí: s.e., n.10, 1981. p.1-70.

SIMÕES, Mário F. índice das fases arqueológicas brasileiras, 1950-1971. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, **Publicações avulsas** n.18, 1972.

SMITH, Lyman. B. Borogináceas. In:REITZ, Raulino (Org.). **Flora ilustrada catarinense**. Itajaí: Herbário Barbosa Rodrigues, 1970.

SOUZA Gabriel Soares de. **Tratado descritivo do Brasil em 1587**. São Paulo: ed. Nacional, 1983.

SOUZA, Alfredo Mendonça de História da Arqueologia brasileira. **Pesquisas**: Antropologia n.46, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 1991.

----- **Dicionário de arqueologia**. Rio de Janeiro: ADESA, 1997.

TOMMASINO, Kimiye. **A história dos Kaingág da bacia do Tibagi**: uma Sociedade Jê Meridional em movimento. São Paulo, 1995. Tese (Doutorado em Antropologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Faculdade de São Paulo, 1995.

-----Território e territorialidade Kaingang. In: MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva & TOMMASINO, Kimiye (Org.). **Uri e Wãxi–Estudos Interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: ed. UEL, 2000. p.192-226.

URBAN, Greg. A história cultural brasileira segundo as línguas nativas. In: CUNHA, Manuela Carneira da (Org.). **História dos índios no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, ed. Schwartz Ltda, 1992. p.87-102.

VEIGA, Juraclida. Revisão bibliográfica crítica sobre a Organização Social Kaingang. **Cadernos do CEDM**. Chapecó, Ano 6, n.8, out. 1992. p.5-81.

----- **Cosmologia e práticas rituais Kaingang**. Campinas: 2000. Tese (Doutorado em Antropologia). ) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Faculdade de São Paulo, 2000.

ZÁCHIA, Renato Aquino. **Estudos taxonômicos na família Annomaceae Juss. no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 1994. Dissertação (Mestrado em Botânica), Programa de Pós-Graduação em Botânica, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

ZWETSCH, Roberto Ervino. Kaingang: os limites do desenvolvimento. In: LEITE, Arlindo Gilberto de O (Org.). **Kaingang: confronto cultural e identidade étnica**. São Paulo: UNIMEP, 1994. p.10-58.

WILLEY, Gordon & PHIPPS, Philip. **Method and theory in American archaeology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1962.

## OBRAS CONSULTADAS

AGÜERO, Oscar Alfredo. Sociedades indígenas, racismo y discriminación. **Revista Horizontes Antropológicos**, Ano 8, n.18. Porto Alegre, UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, 2002. p.255-264.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas: O que Falar Quer Dizer**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p.81-116.

CHMYZ, Igor. Terminologia arqueológica para a cerâmica. **Cadernos de Arqueologia**. Paranaguá: Ano 1, n.1, 1976 (a). p.119-148.

----- . **A ocupação do litoral dos estados de Paraná e Santa Catarina por povos ceramistas**. Curitiba: Estudos Brasileiros. 1, 1976 (b). p.7-43.

DESCOLA, Philippe. Genealogia de objetos e antropologia da objetivação. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Ano 8, n.18, 2002. p.93-112.

DIAS, Adriana Schmidt. Um projeto para a arqueologia brasileira: breve histórico da implementação do Pronapa. Santa Cruz do Sul: **Revista do CEPA**, v. 19, n.22. UNISC, 1995. p. 25-39.

DIAS, Jefferson Luciano Z. Levantamentos Arqueológicos em Vacaria, RS, Brasil. In: Exponha-se: IV Seminário-Feira de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unisinos. **Caderno de resumos**, São Leopoldo: 1998. p.36.

----- . Arqueologia do planalto Meridional: os campos de Vacaria, RS, Brasil. In: Exponha-se: V Seminário-Feira de Ensino, Pesquisa e Extensão da Unisinos. **Caderno de resumos**, São Leopoldo: 2000. p.63.

EVANS, Clifford e MEGGERS, Betty. **Guia para Prospecção Arqueológica no Brasil**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. [Série Guias] n.2, 1965.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico**. Explicitação das Normas Técnicas da ABNT. -12. ed.- Porto Alegre: s.n., 2003.

KNIVET, Antonio. Narração da viagem que, nos anos de 1591 e seguinte, fez Antonio Knivet da Inglaterra ao mar do sul, em companhia de Thomaz Candish. **Revista Trimestral do**

**Instituto Histórico-Geographico e Ethnographico do Brasil.** Rio de Janeiro: t.XLI, 2º trim. 1878. p.183-273.

LAMIMG-EMPERAIRE, Annette. Guia para o estudo das indústrias líticas da América do Sul. Curitiba: **Manuais de Arqueologia** n.2, Universidade Federal do Paraná, 1967. p.11-18.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico.** 6ª ed, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 1992.

LA SALVIA, Fernando & SCHMITZ, Pedro Ignácio. Considerações sobre as culturas cerâmicas não Tupi-Guarani do Brasil meridional. Porto Alegre: **Revista do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**, Universidade Federal do RGS, 1, 1973. p.175-201.

LAVINA, Rodrigo. **Os Xokleng de Santo Catarina:** uma Etnohistória e sugestões para os Arqueólogos. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas/Unisinos, 1994. [Dissertação de Mestrado].

MEGGERS, Betty J. Considerações Gerais. In. SIMÕES, Mário F. (Ed.) Programa Nacional de Pesquisas arqueológicas - Resultados Preliminares do Primeiro Ano 1965-1966. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. **Publicações Avulsas** n.6. 1967. p.153-158.

----- . Advancen in brazilian archeology, 1935-1985. **American Antiquity.** v. 50, n.2, 1985. p. 364-373.

----- . Cuarenta años de colaboración. In: MEGGERS, Betty. (Ed.) **Prehistoria sudamericana, nuevas perspectivas.** Chile: Taraxacum, 1992. p.13-26.

MELATTI, Júlio Cezar. A Etnologia das Populações Indígenas do Brasil, nas duas últimas Décadas. In: **Anuário Antropológico 80.** Fortaleza: Edições UFC, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982. p.253-275.

MENGHIN, Osvaldo F. A. El poblamento prehistorico de Misiones. **Anales de Arqueologia y Etnologia.** Mendonza: Universidad Nacional de Cuyo, n.12, 1956. p.19- 40.

NOELLI, Francisco Silva. Repensando os rótulos e a História dos Jê no Sul do Brasil a partir de uma interpretação interdisciplinar. In: MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva & TOMMASINO, Kimiye (Org.). **Uri e Wãxi–Estudos Interdisciplinares dos Kaingang.** Londrina: Ed. UEL, 2000. p.9-57.

PRATT, Mary Louise. Introdução a zona de contato. In: **Os olhos do império:** relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999. p.23-38.

PROUS-POIRIER, André. Première information sur les maisons souterraines de l' état de São Paulo. São Paulo: **Revista de Pré-História.** Universidade de São Paulo. Instituto de Pré-História, 1, 1979. p.127-145.

----- . **História da pesquisa e da bibliografia arqueológica no Brasil.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, v. 4/5, 1982. p.11-24.

RAMOS, Alcida Rita. A Construção da Identidade em Sociedades Indígenas. In: **Anuário Antropológico 82**. Fortaleza: Edições UFC, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1984. p.167-168.

----- . **Sociedades Indígenas**. 2ª edição, São Paulo: Ed. Ática, 1988.

REIS, José Alberione dos. **Para uma arqueologia dos buracos de bugre**: do sintetizar, do problematizar, do propor. Porto Alegre: PUC/RS, 1997. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1997.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. A integração das populações indígenas no Brasil moderno. Rio de Janeiro: ed. civilização brasileira s.a., 1970.

ROGGE, Jairo Henrique. A Ocupação Pré-Colonial do Planalto: Projeto Vacaria. Santa Cruz do Sul: **Revista do CEPA**, v. 23, n.29. UNISC, 1999. p. 170-172.

ROHR, João Alfredo. Os sítios arqueológicos do Planalto Catarinense, Brasil. **Pesquisas**, Antropologia 24. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1971.

SCHMITZ, Pedro Ignácio (Coord) Arqueologia no Rio Grande do Sul. In: **Pesquisas**: Antropologia n.16. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1967. p.2-10.

----- . **Os primitivos engenheiros do planalto e suas estruturas subterrâneas**: a tradição Taquara. Arqueologia Pré-histórica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Mercado Aberto. 1991. p.221-289.

SEEGER, Anthony. **Os índios e nós**: Estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

----- . Identidade étnica como processo: os índios Suyá e as sociedades do alto Xingu. In: **Anuário Antropológico 78**. Fortaleza: Edições UFC, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1980. p. 156-175.

----- . Sociedades Dialéticas. As Sociedades Jê e os seus Antropólogos. In: **Anuário Antropológico 80**. Fortaleza: Edições UFC, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982. p.305-312.

----- . Identidade Suyá. In: **Anuário Antropológico 82**. Fortaleza: Edições UFC, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984. p.195-199.

SERVICE, Elman R. **Los Origenes del Estado y de la Civilización**. Madrid: Alianza, 1984. p.21-122.

SILVA, Sérgio Baptista da. **O sítio arqueológico da praia da Tapera**: um assentamento Itararé Tupiguarani. Porto Alegre: 1988. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1988.

------. Dualismo e Cosmologia Kaingang: o Xamã e o domínio da floresta. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, Ano 8, n.18, 2002. p.189-210.

SILVA, Fabíola Andéa. As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng. In: MOTA, Lúcio Tadeu; NOELLI, Francisco Silva & TOMMASINO, Kimiye (Org.) **Uri e Wãxi–Estudos Interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: ed. UEL, 2000. p.59-80.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. **GEOATLAS**. 8ª Edição, São Paulo: ed. Ática, 1991.

VASCONCELOS, Simão de. **Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil, e do que obraram seus filhos nesta parte do Novo Mundo**. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignácio da Silva, [1663] 1864.

VEIGA, Juracilda. Aspectos da organização social entre os Kaingang de Xaçecó(SC). In: LEITE, Arlindo Gilberto de O (Org.). **Kaingang: confronto cultural e identidade étnica**. São Paulo: UNIMEP, 1994. p.80-115.